

5

Considerações finais

Este trabalho procurou identificar como se dá a dinâmica da inserção das mulheres soropositivas no mercado de trabalho. Dada a complexidade da questão, os instrumentos de pesquisa privilegiaram uma abordagem quantiquantitativa, no sentido de dar a dimensão que o tema merece: uma inserção no mundo do trabalho a partir de múltiplas determinações.

Foram muitas as surpresas, mas não obstante, as primeiras conclusões, fruto de observações empíricas, foram confirmadas por meio deste estudo.

Talvez a maior e esperada dificuldade possa ser explicada a partir do gênero. Várias vezes me deparei com a pergunta: como pode um homem ser sensível o suficiente, a fim de adentrar no universo feminino do trabalho, potencializado pelas dores femininas provocadas pela AIDS? Como estabelecer, nos termos de Gramsci, uma relação orgânica com um universo muitas vezes distante de minha realidade? Não foi fácil. Mas as respostas vieram da própria tradição marxista e mais especificamente de Marx, que nos revela a importância de termos uma dimensão da totalidade histórica e humana, o que nos aproxima do outro como ser humano genérico. Portanto, esse trabalho é resultado de uma tentativa de aproximação das dores e dificuldades do outro, como se fossem minhas, ainda que, certamente, não seja totalmente possível vivenciá-las por completo. Mas considero um caminho que deve continuar a ser trilhado.

O processo de pesquisa me revelou que para as mulheres falarem de suas dores e as consequências destas dores em suas vidas, nem sempre é fácil. Chamou a atenção que o mais fácil de ser revelado na pesquisa foi mesmo o que estes sujeitos já estão devidamente ensaiados a fazer: dizer endereço, renda, dificuldades materiais e toda a sorte de elementos que podem se transformar em estatísticas. Difícil mesmo para as mulheres é ter de lembrar-se todos os dias que ainda são portadoras de uma doença sem cura e que, apesar de um discurso que tenta firmar que a AIDS está sob controle, ainda há muito em que avançar e várias demandas a desvelar.

Do ponto de vista da inserção no mercado de trabalho, este estudo demonstra que o mercado informal, realizado preferencialmente em casa ou próximo de casa, é a

saída para a grande maioria das mulheres, tendo em vista a necessidade de conciliar o trabalho, com o qual se obtém alguma remuneração, com as atividades domésticas, os cuidados com a família, além do autocuidado. A inserção no mercado de trabalho informal, não exclui as mulheres de uma lógica mercadológica de um lucro do qual tiram o menor proveito possível, o que caracteriza uma apropriação constante por parte do capital, das vulnerabilidades que advém do gênero e da condição de soropositiva.

Se o trabalho deve promover, dentre outras coisas, a sociabilidade entre as pessoas, o exercício laboral com o qual se obtém remuneração se funde com trabalho doméstico tirando destas mulheres a possibilidade de avançar no espaço público, de acessar a educação, de investir em lazer, nas relações interpessoais e com a família... em si mesma. Trata-se de um trabalho sem o reconhecimento da sociedade e muitas vezes do próprio grupo familiar. Um trabalho que sobrecarrega e cujo prazer de ser realizado muitas vezes se confunde com a obrigação do fazer, imputada pela cultura. Em síntese, trata-se de um trabalho que por não ter com quem ser compartilhado ou fornecer recursos básicos de sobrevivência, abstrai o que temos de melhor: a vida.

Sendo assim, a possibilidade de uma maior qualidade de vida, em função dos avanços no tratamento da AIDS, cria um dilema para estas mulheres, cuja necessidade de se inserir no mercado de trabalho, paradoxalmente, promove uma digressão no que tange à saúde, dadas as precárias condições as que se submetem para (sub)existir.

Mesmo assim, é de se admirar a força que demonstram estas mulheres no seu cotidiano, que mesmo com tantas barreiras concretas de existência e prazer conseguem expressar em seus discursos o que têm de melhor para oferecer – suas experiências de vida – cujo conteúdo revela uma grande capacidade criativa e de desenhar estratégias de vida, mesmo diante de tantas adversidades. Uma inserção precária no mundo do trabalho significa, antes de tudo, um compromisso com a vida, de reversão das dores em dias melhores, ainda que sob condições que levem a uma informalidade absoluta, sem direitos trabalhistas ou a consciência de que muitas vezes são grande parte do orçamento doméstico.

Como estratégia de enfrentamento destas questões, acredito que o Grupo Viva a Vida pode ser um espaço privilegiado de reflexão, na medida em que constitui-se em um espaço aglutinador de usuários e usuárias do DIP/HSE. Este espaço, ainda que fomentado essencialmente por uma prática assistencial, tornou-se uma referência que consegue aglutinar, levando-se em conta, prioritariamente, os anseios dos “pacientes” e profissionais. Isso dá ao Viva a Vida uma característica inovadora, pode-se afirmar, de controle social, dentro de uma unidade de saúde que trabalha com aspectos específicos, ainda que a participação nos conselhos de saúde seja uma lacuna a ser considerada. Avançar na formação política daqueles que participam do grupo sugere a construção de novas estratégias que visem ultrapassar o caráter assistencial que o grupo assumiu nos últimos anos, avançando em direção a uma luta que se vincule à qualidade da saúde pública como um todo e em defesa de um SUS forte e de qualidade.

Sabemos que no espaço deste trabalho, não nos é possível superar o desafio de esgotar uma temática tão complexa. Ressaltamos aqui que, nossa intenção limita-se a contribuir para que novos e profícuos questionamentos surjam, oportunizando assim a configuração de outros tantos caminhos, soluções ou reflexões que envolvam o tema estudado. Tais caminhos talvez passem pela questão da raça e etnia, cuja delimitação do objeto entendeu-se, não cabia um aprofundamento.

Outro caminho seria um aprofundamento das questões que envolvem a relação entre usuários e profissionais de saúde. No caso específico das pessoas com HIV/AIDS pesquisar quais os rebatimentos desta relação na qualidade de vida dessa população. Dentro do que entendemos por gênero, uma categoria de caráter relacional por excelência, convém aprofundar a inserção dos homens soropositivos no mercado de trabalho, promovendo um estudo comparativo com vistas a estabelecer parâmetros de intervenção relacionados à inserção no mercado de trabalho, desafio que não raramente se impõe ao assistente social.

Nesse sentido, o Serviço Social se defronta com novos desafios. Não se podem ignorar as novas forças sociais que emergem a cada dia, em uma sociedade cujo acesso aos direitos encontra, cotidianamente, obstáculos. Tal postura implica o desafio de coadunar a teoria/prática de reconhecimento da luta de classes na

sociedade contemporânea, a um contexto onde novas formas de luta se estabelecem em busca da cidadania. Não seria estratégico ignorar os debates travados em torno das especificidades dos vários segmentos sociais que, deve-se reconhecer, são subalternizados, também, pela lógica capitalista. Nesse sentido, acredito, é importante ampliar estas discussões no âmbito da profissão, questionando, não sua legitimidade, mas o alcance da luta a ser travada em torno de um ideal de sociedade igualitária. Significa agregar ao caráter teleológico da profissão, estratégias que valorizem as reivindicações dos diversos grupos, problematizando com a população usuária as questões que emergem, lançando mão da assessoria aos movimentos sociais emergentes. Para isso, considero importante a valorização do trabalho de grupo, que ao ultrapassar a intervenção individualizada, pode promover importantes reflexões sobre a realidade escondida por detrás das demandas emergenciais, mas nem por isso desprovidas de legitimidade.